

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

MAIS DEMOCRATAS PORTUGUESES

referidos só foi possível porque os juizes do Tribunal Plenário se submetem servilmente às ordens e imposições da PIDE e do governo que espezinhavam os direitos políticos dos cidadãos, consignados na Constituição!

O Plenário é cada vez mais nitidamente um órgão da PIDE e seu instrumento de repressão. De 60 a 70 agentes da PIDE passaram, armados, aos destacamentos regularmente para servir no Plenário além de outros agentes das forças repressivas (P.S., P. e G.N.R.), que, à parizna também, têm sido destacados ultimamente, requisitados pela PIDE, para encherem as salas do tribunal. Tais factos são conhecidos dos juizes que não tomam qualquer medida para restabelecer a legalidade no funcionamento do tribunal, apesar das reclamações dos advogados e dos «réus».

Este julgamento foi assinalado por graves incidentes em que o presidente do Plenário Dr. Cardoso de Menezes, assim como o conhecido juiz fascista Dr. Simões de Carvalho, também membro do Plenário, se destacaram na adopção de medidas arbitrárias e ilegais tendentes a prejudicar os direitos da defesa. Tão grande número de ilegalidades que culminaram com a condução a três dias de prisão do Prof. Rui Luís Gomes que depunha como testemunha da defesa, levou os advogados a renunciarem colectivamente à defesa dos *cadetes*.

Como nenhum advogado, mesmo nomeado oficiosamente, aceitasse em tais condições assumir a responsabilidade de defesa, o Presidente do Plenário foi obrigado a recorrer a um funcionário do próprio tribunal para atuar como defensor oficioso.

Os Tribunais Plenários de Lisboa e Porto são odiosos instrumentos da repressão política e como tal devemos reclamar a sua dissolução!

(continua na 2.ª pág.)

A pesar da repressão policial, as várias correntes da Oposição ao regime saíram à luz, movimentando-se para a esquerda. O Pê, o Ps, a Asist, o Psd e o Psd-Último, os grupos de esquerda, o grupo de esquerda e as forças da Oposição, o mil-salvador. Os antigos partidos democráticos, forçados a viver na clandestinidade, reorganizaram-se e ganharam, apesar disso, novas forças. Outros partidos da Oposição estão nesse momento em formação. Tudo isto evidencia um despertar das várias camadas da população portuguesa para a luta contra um regime opressor, profundamente anti-popular.

Paralelamente, assistimos à desagregação crescente do regime salazarista. As contradições entre as várias correntes que já apoiavam este regime tornam-se cada vez mais evidentes. O governo é já incapaz de esconder aos olhos das pessoas as limitações da sua política. As várias camadas da população contra a política salazarista tornam-se cada vez mais crescentes: forças da Oposição correspondem a novas contradições e a maior enfraquecimento do decadente regime salazarista. O governo salazarista procura recorrer a manobras grosseiras para assegurar a sobrevivência do regime. Assim, a tentativa de desmascarar os comunistas e de destruir os seus núcleos de actividade, a utilização do "sufrágio directo" e de impor as Corporações, não passa de uma manobra tardada para violar a Constituição promulgada pelo próprio regime e procurar a manutenção do regime salazarista nos próximos actos eleitorais. Estas manobras do governo, que a Oposição tem de sofrer, fixar aborrecido, não são sintomas de força.

A Oposição deve unir-se para impedir qualquer manobra tendente a alterar a Constituição e a suprimir o sufrágio masculino. Através de todos os grandes meios de nossa revolução, o povo unido das forças da Oposição. O resto povo não esqueça nem esquecerá as grandes jornadas de unidade que foram as compênsas do M.U.D. e de Candidatura do General Norton de Matos. O nosso povo bipara novas acções de unidade das forças da Oposição, pois sabe bem, através dum dolorosa experiência de 30 anos de lutança, que só a união de todas as forças da Oposição tem possibilidades de êxito na luta contra o regime salazarista.

Hoje a grande massa dos democratas portugueses tem uma ideia mais precisa do mal que tem feito à causa da nossa liberdade a força salazarista. Hoje os democratas já não se deixam enganar pelas palavras das forças salazaristas. Muitos passaram a compreender que não se trata do Período Comunista quando afirma-se a existência do regime salazarista. Hoje os democratas já não se deixam enganar pelo facto de não seio das forças democráticas, que é a camarilha salazarista que lucra verdadeiramente com essa divisão. Num momento de crise política, os democratas não vêem a possibilidade do derubramento por via legal do governo, essa divisão, a prolongar-se, poderia trazer mais sofrimentos e mais danos à liberdade portuguesa. Os democratas devem perspectivar a Opção que está tem de saber aproveitar, sob pena de se tornar responsável perante o povo de História e de Liberdade. Os democratas não devem prolongar por mais tempo.

O Partido Comunista pensa que é dever das forças democráticas fazerem um esforço para se unirem. A reconciliação de toda a família portuguesa é hoje decisiva para que se possa acabar com a diladura do governo de Salazar, é decisiva para o futuro do nosso povo e do nosso País. Sabemos que existem divergências políticas entre nós

comunista, outros partidos democráticos e assim como entre esses próprios partidos mas esse facto não pode nem deve ser um obstáculo para a união dos nossos esforços e esforços de todos os cidadãos portugueses, para que se abra o Portugal num regime democrático e independente. Temos a certeza que uma discussão franca e aberta sobre os problemas da nossa pátria, e de tudo as razões fundas que nos devem unir. O nosso povo espera isso de nós.

A somar a todas as razões gerais que nos conduzem a esta conclusão, há também as de as forças democráticas se unirem, acrescendo actualmente o facto de se realizarem eleições para deputados em 1957 e para a Assembleia da República em 1958. Essas eleições abrem também a possibilidade de decididas das forças democráticas, mas é evidente que se estas continuarem divididas não se apresentarão divididas nos próximos anos. Se não se unirem, os seus interesses serão derrotados pelo governo, o qual se aproveitará e se fortalecerá com essa divisão. Pelo contrário, se as forças democráticas se unirem, poderão influenciar a decisão e a si todas as forças e pessoas anti-selvaristas, será possível obter importantes vitórias no terreno eleitoral e abrir assim a possibilidade de uma solução pacífica para o problema político português.

A política de exploração e de opressão das massas africanas seguida pelo governo salazarista levanta contra elas as populações das colônias portuguesas em África, que defendem os seus interesses vitais e começam a lutar pela sua independência.

Na Guiné a situação econômica e assustadora. Os colares públicos estão vazios, por as receitas terem baixado muito, apesar dos impostos indigentes ter aumentado em muitas milhares de cópias. O funcionalismo é miseravelmente pago, comércio agoniza, as poucas comerciantes não são negociáveis, porque não há quem as compre. Os agricultores africanos abandonam as suas terras e fogem aos milhares para outras colônias onde vão trabalhar como assalariados, por aí a vida lhes ser menos colorida, para fugirem à fome, ao terror e à miséria.

Porque esta situação trágica da Guiné que faz o governo de Salazar?

O governo de Salazar está a fazer na Guiné grandes aquarelamentos e envia para lá mais material de guerra. No dia 28 de Maio organizou uma grande paradeiro, deixando locais, efectivos e material de guerra, como artilharia, morteiros, metralhadoras, etc., e forçaram a ir a Bissau assistir à perda todos os régulos. Tudo isto para infundir o terror nas populações africanas. A odiosa PIDE já tem na Guiné as suas brigadas, já anda a caminho dos postos fronteiriços semeando ódio; já estão a forçando, tornando assistente a população a sentimentos de vingança, levantando contra os portugueses as populações de cor.

Depois que Marrocos conquistou a sua independência, o que se tem passado na Guiné tem sido espectacular em comparação com a acalmia até então existente. A grande greve vitoriosa dos valentes marinheiros da navegação fluvial, firme, decidida, ordenada, indicou bem a consciência e combatividade dos trabalhadores africanos.

Está hoje claro para todos os democratas que nenhum dos partidos da Oposição tem atualmente condições para conduzir sozinho qualquer luta decisiva, que só acção conjugada de todos os partidos e forças anti-solaristas poderá assegurar vitórias à Oposição.

O Partido Comunista Português esforça-se para que entre os partidos democráticos da Oposição se estabeleça um acordo em volta de um programa eleitoral mínimo que, em seu entender, deveria constar dos seguintes pontos:

1.º — ELEVAÇÃO DO NÍVEL DE VIDA DO POVO;

2.º — DEFESA DA ECONOMIA NACIONAL, COMBATE À POLÍTICA MONOPOLISTA DO GOVERNO.

3.º — POLÍTICA INDEPENDENTE E DE BOAS RELAÇÕES ECONÓMICAS DIPLOMÁTICAS COM TODOS OS

1.º — RESTABELECIMENTO DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS;

5.º — AMNISTIA POLÍTICA.
Aqueles democratas que tomem a unidade com os comunistas por recesso em qu

(continua na 2.ª pág.)

GREVES E LUTAS DOS AFRICANOS NA GUINÉ E EM ANGOLA

OS POVOS AFRICANOS LEVANTAM-SE CONTRA O SALAZARISMO

nos. A greve dos cozinheiros de Belfast, a revolta contra alguns chefes de postos que cometiam abusos mais salientes (um dos quais teve de fugir com a família para não ser linchado), o assalto aos comerciantes brancos que exploram os agricultores indigêntes, a entrada no território da Colômbia dos milicianos e outras publicações de propaganda anticolonizadora, a circulação de outras colônias, a fuga em massa das populações fronteiriças para o território francês e a apresentação duma lista de oposição para o Conselho da Colômbia com elementos do cargo, tudo isso que, como era de esperar, foi derrotado, tudo isso testemunha claramente a existência dos problemas da Guiné se colocam em levantar contra a Guiné a política colonial de Salazar.

o jornal *Le Soleil* levou, recentemente, um artigo sobre a situação de Guiné a publicar um artigo onde expunha a situação geral da África, que ela considerava como «um brasão ardente de norte a sul». O jornal foi por isso proibido de circular pelos salazaristas mas... já tinha sido distribuído. Também na colónia de Angola as populações africanas se começaram a levantar contra a política colonial dos salazaristas. Contudo contra estes levou as populações de certas aldeias a matarem alguns chefes de

O SALAZARISMO E NÃO A COEXIS

A pesar do alívio verificado na atmosfera internacional, graças aos esforços do campo de paz encabeçado pela União Soviética, o salazarismo continua sistematicamente alheio à nova situação política mundial, escudando do povo português todas as medidas tendentes a reforçar a confiança entre os povos, a coexistência pacífica. Assim, escondeu do nosso povo a recente mensagem que o Soviète Suprême do União Soviética dirigiu a todos os parliamentos sobre a redução geral dos armamentos e que o embaixador soviético entregou, em Paris, ao encarregado de Negocios de Portugal.

O selazemo pretende viver ainda em ambiente de guerra fria e tudo vem fazendo para activar esse ambiente. Assim, a Assembleia da República, a 12 de Maio de 1983, decidiu por unanimidade não discutir a organização do País em tempo de guerra e, pouco depois, as autoridades militares portuguesas, especialmente o chefe do Estado-Maior, passaram a discutir a situação estratégica e planos de «defesa» da Península. Nessa reunião vinculou-se uma vez mais a submissão das forças armadas portuguesas ao comando directo dos Estados Unidos. Por um meio estrito controle e coordenação directa das forças militares dos dois países, as missões militares portuguesas em Portugal e no estrangeiro passaram a ser directamente comandadas pelo general Gruenicher, supremo comandante aliado da NATO e comandante-chefe das forças armadas dos Estados Unidos, durante o tempo impreciso, monárquico, de uma de-

postos fronteirícios e intimidar outros; abandonaram-nos rapidamente. Em ambos os casos os africanos tomaram conta das armas existentes nos postos. Por outro lado, apesar de alguns grupos terem sido expulsos das aldeias, os portugueses não deixaram as suas instalações, etc., tal e do ódio que o salazarismo fomenta na população angolana contra os portugueses. Quando há príncipes felizes pela FIDE e por outras forças revolucionárias, há outros que são vítimas dessa repressão sob os caboverdeiros. Esta sanção dos salazaristas contra os caboverdeiros levou já o governador a expulsar de Angola todos os trabalhadores portugueses. O governador português, o governador de S. Tomé, motivo porque foram enviados já para Cabo Verde, e dum só vez, cerca de 900 caboverdeiros, alguns deles com o

A política colonial dos salazaristas, explorando desenfreadamente os trabalhadores e povos africanos, impondo-lhes o terror e a opressão mais brutal, negando-lhes todos os direitos, não querendo ouvir a sua voz, nada mais fará do que fomentar ódios, levantar contra os portugueses povos que poderiam vir a ser nossos amigos desde que lhe reconhecessemos os seus direitos.

O SALAZARISMO QUER A GUERRA E NÃO A COEXISTÊNCIA PACÍFICA

A pesar do alívio verificado na atmosfera internacional, graças aos esforços do campo de paz encabeçado pela União Soviética, o salazarismo continua sistematicamente alheio à nova situação política mundial, escudando do povo português todas as medidas tendentes a reforçar a confiança entre os povos, a coexistência pacífica. Assim, escondeu do nosso povo a recente mensagem que o Soviète Suprême do União Soviética dirigiu a todos os parliamentos sobre a redução geral dos armamentos e que o embaixador soviético entregou, em Paris, ao encarregado de Negocios de Portugal.

O selazemo pretende viver ainda em ambiente de guerra fria e tudo vem fazendo para activar esse ambiente. Assim, a Assembleia da República, a 12 de Maio de 1983, decidiu por unanimidade não discutir a organização do País em tempo de guerra e, pouco depois, as autoridades militares portuguesas, especialmente o chefe do Estado-Maior, passaram a discutir a situação estratégica e planos de «defesa» da Península. Nessa reunião vinculou-se uma vez mais a submissão das forças armadas portuguesas ao comando directo dos Estados Unidos. Por um meio estrito controle e coordenação directa das forças militares dos dois países, as missões militares portuguesas em Portugal e no estrangeiro passaram a ser directamente comandadas pelo general Gruenicher, supremo comandante aliado da NATO e comandante-chefe das forças armadas dos Estados Unidos, durante o tempo impreciso, monárquico, de uma de-

Gruenhert, esteve no nosso país realizando várias conferências com o ministro Santos Costa e evitando-se também com Salazar.

O povo não foi informado do que tratavam estas reuniões e os seus interesses socializaram da realização prática em às ordens dos Imperialistas, haja em vista as recentes manobras militares de recrutados efêmeros em nome do poder imperialista. Soldados militares estrangeiros. Especialmente na região de Sintra, estes exércitos militares tomaram um aspecto de tal violência que os próprios jornais fascistas chegaram a publicar artigos sobre tais fatos nos jornais «Século» e «D. de Notícias» [falam assim das manobras: «... as populações de Terragem, Apodimeta, Barreteira, Alentejo, e outras localidades, foram deslocadas da Granja de Cima e de Buitão, da Torre e do Condado, evacuaram as suas localidades». ... e as anímas se tornam facis para serem levadas sob pretexto casuais da Granja. A violência do recrutamento das granadas [foi] suficiente para quebrar vidros, rebentar com portas e partir telhas». A realidade emprestou no exercício uma realidade que não se esquecerá logo depressa»].

Como vemos, o quartismo quisimo pôde fazer uso da municipalidade como instrumento de cultura e casas, põe em sobressalto as populações e em risco a vida de centenas de pessoas. Os soldados são tratados como cidadãos e não como escravos. Entretanto, nada disso imporia os ateadores de guerra,

HÁ 60 ANOS NASCEU MILITÃO RIBEIRO!

A 13 de Agosto de 1976 nasce em Murilo (Trás-os-Montes) o nosso querido e saudoso camarada Milhão Bessa Ribeiro, secretário do Perifido. Muito jovem ainda, emigrara para o Brasil, onde trabalhou como operário têxtil. Desde logo se destacou como defensor intransigente dos interesses dos trabalhadores. Foi dirigente do P. C. do Brasil e, pelas suas actividades políticas, foi expulso do Brasil, vindo sob pressão para Portugal. Consegue fugir do Brasil e continua a conduzir lutas de massas na sua terra natal.

Em 1934 é preso pela primeira vez. Os longos anos que permanece nas masmorras galazaristas, seis dos quais no Torrão, nunca amoleceram a fômpora revolucionária de Milhãdo Ribeiro. Preso pela terceira vez em 1949, com a saúde fortemente abalada, a 3 de Janeiro de 1950 o camarada Milhãdo acueumbe na Penitenciaría de Lisboa às tor-

turan, ao assassinato lento executado pelos carrascos da PIDE.

A vida do Parilado, os seus problemas, o seu desenvolvimento e o engrandecimento preocuparam até ao fim este saudosos dirigente dos trabalhadores portugueses: «*Tenho confiança — diz-nos Millão na sua última carta — que saberei vencer todos os obstáculos e levar o povo do pitóriu, mantendo essa disciplina e controle severo de uns sobre os outros, em trabalho colectivo, como vinhamos fazendo e aperfeiçoando*».

Millião Ribeiro foi um dos mais destacados obreiros do Partido. Em sua homenagem, intensifiquemos cada vez mais o nosso trabalho na luta pelo derrubamento do salazarismo, pela construção de uma ampla e sólida unidade nacional, pelo melhoramento da actividade partidária, através dum real trabalho colectivo.

SALVEMOS AS VIDAS DE FRANCISCO MIGUEL E GEORGETTE FERREIRA!

FRANCISCO MIGUEL e GEORGETTE FERREIRA são dois patriotas portugueses que dedicaram as suas vidas inteiramente à causa da classe operária e do povo português. Os seus caracteres, são ferozmente perseguidos pelo fascismo.

FRANCISCO MIGUEL, que já à muito cumpria a pena a que foi condenado, encontra-se gravemente doente na cadeia da PIDE do Porto, sendo-lhe recusada a assistência que o seu estado de saúde requer. GEORGETTE FERREIRA, gravemente doente desde há meses, tem sido mesmo assim sistematicamente perseguida pela PIDE na cadeia de Caxias. Alvo constante de castigos arbitrários e sem o necessário tratamento, o seu precário estado de saúde agravou-se ainda mais ultimamente.

Salvem-se estas duas vidas preciosas, responsabilizando o governo para o que aconteceu e reclamando a sua hospitalização (se imediata).

PROSSIQUE A LUTA OPERÁRIA PELO AUMENTO DE SALÁRIOS

NA ALFREDO ALVES da Venda Nova os operários conseguiram um aumento de 10% em salários. Também na SOCIEDADE NACIONAL DE SABORES, além do aumento de 10%, e dos reajustes de preço reduzido, muitos operários mudaram de categoria, pelo que conseguiram um outro aumento que vai de 15\$0 a 5\$00.

Os trabalhadores da CARRIS, de LISBOA, continuam a luta por eleições no seu Sindicato. Depois da entrada da exposição no Ministério das Corporações, vários trabalhadores foram chamados à PIDE e a Comissão Administrativa do Sindicato publicou um «cartelamento» provocador.

Entretanto, foi conseguida a reivindicação dos trabalhadores de que a Direcção da empresa não mudasse duas carreiras, também se recoltem assinaturas para uma exposição que reclama a passagem dos condutores para o quadro dos guarda-freios.

Na C.P. os trabalhadores continuam em luta pela defesa do contrato colectivo. Os trabalhadores suplementares da Via e Obras, que há muitos anos vêm ganhando

uma miséria sem nunca deixarem de ser suplementares, elaboraram uma exposição ao Ministério das Corporações, reclamando aumento de salários de acordo com o contrato e modificação da sua situação de suplementares.

Nas empresas da Venda Nova os operários lutam por aumento de salários, estando a sua luta a propagar-se a toda a zona industrial.

Prossique a luta dos corticeiros

EM FARO, os corticeiros têm feito várias concentrações no seu Sindicato com mais de 100 operários. Já se deslocou ao INT uma comissão de 6 operários: uma operária, acompanhada pelo presidente do Sindicato, mais o delegado só recebeu um operário e nada resolveu. Houve novas concentrações no Sindicato, tendo a direcção sido obrigada a telefonar ao delegado do INT que não atendeu.

Os operários concentraram-se outra vez no Sindicato e resolveram elaborar uma exposição a reclamar ao INT autorização para uma Assembleia Geral, a fim de apreciar a situação da classe. Esta exposição já foi assinada por 120 pessoas, sendo muitas

em GRÁNDOLA também os operários lutam por aumento de salários.

Novas acções nos Sindicatos e nos Tribunais de Trabalho

O director das minas do LOUSAL deu ordem para que uma parte dos operários fizesse uma hora extraordinária, ameaçando que seriam castigados os que se recusassem a fazê-la. Apesar disso, 6 operários largaram o trabalho à hora normal. Na dia seguinte receberam ordem de despedimento. Os operários foram protestar junto do director que lhes disse que não parlava mais os pés. Então os 6 operários resolveram meter a questão no Tribunal do Trabalho. Ganharam a questão e foram readmitidos. As mesmas regras se aplicam com a garantia expressa de que os operários não são obrigados a fazer horas extraordinárias.

Em S. DOMINGOS também os operários tiveram a direcção do Sindicato a interessar-se pela sua reivindicação de aumento de salários.

Estes dois exemplos, bem como os crimes temporários com a cassação, mostram que os operários têm a garantia expressa de que os operários não são obrigados a fazer horas extraordinárias. Em S. DOMINGOS também os operários tiveram a direcção do Sindicato a interessar-se pela sua reivindicação de aumento de salários.

300 TRABALHADORES VÍTIMAS DUM CRIME MISERÁVEL

O porto de Viana do Castelo, que nesta altura do ano, vive intensa luta com a descarga do bacalhau, foi teatro de um crime que se tornou em um dos mais honestos da população local. Na madrugada de 11 de Julho, cerca de 300 trabalhadores sobrepujaram mulheres — que estavam no turno da noite — e a maioria delas, desarmadas, ao chão, contorcendo-se com dores, náuseas e vômitos, febre e um mal-estar geral. (Jornal da Notícias de 12-50). A quem se deu o golpe fatal? Momentos antes estivera no caso o gerente da Empresa de Pesca do Viana, que disse: «o trabalho está a ser demasiado lento e a situação é muito grave». Determinou então que fosse distribuído café ao pessoal. O que depois se passou ficou uma espietada de Darques: «Quando tomei a bebida, senti um gosto estranho, muito amargo. Outras

companheiras ao lado notaram também o esquisito gosto, mas, mesmo com repugnância, beberam pela sede. Logo depois, começaram a sentir o trabalho, parecíamos ter mais forças, de forma que a descarga começou a fazer-se num ritmo muito célere. Passaram a trabalhar com maior entusiasmo e a produtividade foi-se aumentando».

E foi correndo que ao café teria sido misturada uma droga conhecida pelo nome de «cachaça». O efeito foi usado pelos pescadores de bacalhau. Essa droga tira a vontade de dormir e activa as energias já esgotadas pelo excesso de trabalho, tendo efeitos muito perigosos sobre o organismo.

Perante crimes desta natureza, firmemente premeditados, as autoridades fizeram mais uma vez contatos com o patronato explorador, que, para conseguir lucros sempre

maiores, não olha a meios, chegando os crimes mais repugnantes. O «cachaça» que as autoridades procederam tem de ser analisado, para se saber se há emendados análibis e, se, ao aplicar e a aguardente, MAS NÃO A BEBIDA QUE OS TRABALHADORES INGERIAM. NEM OS VÔMITOS. O próprio laboratório do Porto onde foram feitas estas análises estranhou que não se fizessem análises ao sangue das vítimas.

A CRISE E A VIDA CARA SÃO CONSEQUÊNCIAS DA POLÍTICA DO GOVERNO!

A despeito do acentuado desanimo da farsa internacional, o governo continua virando toda a sua política para os preparativos de guerra, subordinando a esta política todos os ramos da economia nacional.

Devido ao desprezo e falta de protecção governamental os ramos da economia nacional, tais como as actividades agrícolas, a indústria têxtil, a piscicultura, etc., sofrem uma crise como não há memória, atingindo a miséria e o desespero. Dezenas de milhares de famílias trabalham e vivem a miséria e o desespero, subordinando o comércio e a indústria nacional ligadas a esses ramos de actividade.

Nos campos, particularmente no Alentejo e Beira, reina a maior miséria entre os camponeses, que em muitas localidades, andam aos bandos a mendigar aconchegos das próprias autoridades locais que se queixam de não disporem de verbas para abastecer trabalhos públicos.

O descontentamento entre o funcionalismo público, civil e militar, é cada vez maior, pois o governo que gasta milhões de contos em preparativos militares não cuida de melhorar a situação destas classes.

A odiosa acção dos Grêmios e dos monopólios, que gozam da maior protecção governamental, faz-se sentir cada vez mais com a responsabilidade directa pela alta dos preços e pela escassez dos produtos essenciais.

Por tudo isto a classe operária e o povo lutam por toda a parte exigindo pão, trabalho e o aumento dos salários para fazer face à vida cara. Devido a uma luta tenaz e constante em muitas empresas de Lisboa, da Marinha Grande e da Amadora, do Tejo, os operários conseguiram nos últimos tempos aumentos de salários de 10 a 20 por cento. Em muitas outras grandes empresas, tais como a Carris, da Via e Obras de Lisboa e do Porto, as empresas de seguros

do Porto, etc., os trabalhadores, estimulados pelos exemplos de luta vitoriosos através referidos, intensificam as suas lutas por aumento de salários e ordenados com que fazer face à vida cara.

Nalguns casos a luta dos operários tem conseguido fazer baixar os géneros e acabar temporariamente com a escassez, como fizeram os operários de PERO PINHEIRO que ameaçaram paralisar o trabalho, pois não podiam fazer face à vida cara com os salários baixos que tinham. Em consequência disso, as autoridades fizeram baixar os géneros, tendo o tocino passado de 20\$30 para 17\$00 e a peregrina peixe barão à venda, carne que há muito não se encontrava. Também no Mercado de GRÁNDOLA dezenas de mulheres e de homens manifestaram-se contra o alto preço do peixe e carne de 150 pessoas em BALEIAZ, medidas energéticas contra a vida cara. Depois dessas reclamações baixaram alguns preços.

Em ALPIRARCA, mais de 500 donas de casa assinaram já uma exposição contra a vida cara, dirigida à Assembleia Nacional. Um documento semelhante foi subscrito por mais de 150 pessoas em BALEIAZ, 100 em VALE DE VARGO e 60 num bairro de LISBOA.

Contra a vida cara, a miséria e o desemprego, a comissão de luta — luta dos operários e camponeses por pão e trabalho, por melhores salários e jornas, apoiada pelas donas de casa lutando contra a vida cara em concentrações junto das Câmaras Municipais luta do funcionalismo público, que nalguns locais conseguiu já a diminuir o rendimento de trabalho como forma de protesto contra os baixos vencimentos, luta dos pequenos e médios comerciantes e industriais contra os impostos excessivos, luta, enfim, de todo o povo que tem a certeza de que a única forma de melhoria rápida das suas condições de vida.

OS CAMPEONES LUTAM POR MELHORES JORNAS

Os grandes agrários, apoiados nas forças repressivas que o salazarismo põe à sua disposição, continuam a explorar a desenfreada dos assalariados rurais. Perante a sua negra situação os camponeses prosseguem corajosamente a luta por melhores jornas.

Em BALEIAZ, os camponeses resolveram lutar na ceifa do trigo pela jorna de 40\$00 (homens) e de 25\$00 (mulheres). Perante a unidade dos camponeses, os agrários chamaram a GNR e a PIDE tendo sido presos 6 camponeses e despedidos os restantes para meter máquinas ceifadoras. Indignados, os camponeses foram prestar junto da Casa do Povo e do Posto da GNR, exigindo a presença do delegado do INT para resolver o assunto. Recordando que a situação se agravava ainda mais, os agrários resolveram dar, em cada dia, meio dia de trabalho.

Em VIANNA DO ALENTEJO, com a sua unidade e firmeza, os camponeses fizeram Praça e obrigaram os agrários a pagar a jorna de 30\$00. Depois de terem conseguido isto a despeito das ameaças da GNR. Continuando firmes e unidos, conseguiram conquistar na semana seguinte 40\$00, e, mais tarde, 45\$00.

Em ALCORREGO, os camponeses mantiveram-se em greve durante duas semanas, acabando por conseguir a jorna combinada: 35\$00 (homens) e 25\$00 (mulheres).

Em VALE DE VARGO, lutando pela jorna de 40\$00, os camponeses mantiveram-se em greve durante uma semana.

Em ALDEIA NOVA, porque se mantiveram unidos os camponeses, conseguiram respectivamente 35\$00 e 22\$00.

Em PIAS, os camponeses que se mantiveram firmes na luta conseguiram trabalhar pela jorna de 35\$00 e 30\$00 com o compromisso de ser esse o preço para toda a ceifa.

Na região de SINES, SANTIAGO, ABELA e São ANDRÉ, homens e mulheres, unidos-se, conseguiram trabalhar só 8 horas por dia, sendo a jorna em SINES de 28\$00 e 35\$00.

Estes exemplos mostram que lá onde os camponeses souberam lutar e manter a unidade de princípio ao fim, a luta tem sido ganha. Nas terras onde houve falta de unidade, os agrários impuseram aos camponeses, pelo sistema de empreitadas, ritmos mais baixos, fardos mais pesados, maior exploração, enganando-se na medição dos terrenos e dos cereais.

Cada vez mais a luta demonstra que só a unidade consegue dar a vitória!

TRIBUNA DOS LEITORES DO "AVANTE!"

DEPOIMENTO DUM SOLDADO QUE VEIO DA INDIA.

Na Índia portuguesa a vida é miserável, de fome e de desespero. Os habitantes locais vivem na média de 80%, em barracas de madeira tapadas com folhas de palmeira. Comem e dormem no chão, sem quaisquer condições higiénicas. Com folhas de árvore como eu vi muitas vezes, devido à fome e à miséria e que o governo fascista de Salazar os trata submelhados. A base da alimentação no início é a arroz, mas não o havia e o povo passava fome, como nós, soldados.

Os trabalhadores andam rotos e famintos e a jorna é de uma rúpia a duas (16 a 25\$00), o mais. Quando há um pedreiro, mas não o havia e o povo passava fome, como nós, soldados.

O governo de Salazar diz nos seus falsos comunicados que Goa é portuguesa. Como é que Goa é portuguesa, um pedreiro de Portugal, se ninguém lá fala português a não ser algum empregado do Estado?

O terror que paira sobre a Índia portuguesa é tal que os habitantes não podem algum soldado fugir.

Nas prisões, em Goa, estão mais de 200 presos por «coligação». São

espancados (dito por um guarda da prisão).

Por todos as estradas só se vêem jeeps carregados de meliurados, para extorquir os goenses. A quantidade de material de guerra é incalculável. O que há menos é pão e por isso passamos muita fome.

Um Soldado

O QUE SE PASSA EM SINES.

Na minha terra, Sines, a situação dos trabalhadores é terrível. Com a falta de pão, os trabalhadores não podem trabalhar. Os trabalhos da Câmara, onde pagam uma jorna miserável, está muita gente dos arredores. Por isso muitos trabalhadores daqui têm abandonado a terra e a procura de onde ganhar para comer.

Em virtude da falta de géneros, os comerciantes acabaram com os preços e por isso não há pão. Os trabalhadores não podem trabalhar, muitas vezes, que uma mulher bate à porta da vizinha a pedir-lhe, com as lágrimas nos olhos, um pouco de gordura para cozer e a vizinha agarra-se e a chorar e a dizer que nada tem em casa.

São justo que o povo viva assim a morrer de fome e bem preciso que todos nos unamos para acabar com esta terrível situação.

Um Trabalhador de Sines.

Por uma Frente Eleitoral Unida

(continuação)

falsa. Nós, comunistas, pertencemos ao Partido que mais tem lutado pela unificação das forças democráticas, mas não pretendemos ser os orientadores desse movimento unificado, como os nossos inimigos dizem, pois a direcção desse movimento cabe a todas as forças anti-salazaristas que dele fizerem parte, entre as quais nós, comunistas, nos encontramos.

Aqui abandonamos a ideia que julgamos desligados dos comunistas poderão obter do governo de Salazar maiores facilidades para a sua acção, esquecem a experiência bem recente da candidatura de Almeida Quintão Moreira e das candidaturas a deputados em 1953 que, embora desligadas de colaboração dos comunistas, não obtiveram por isso maiores facilidades do governo salazarista. As facilidades têm de ser conquistadas pela força dos partidos e agrupamentos anti-salazaristas, coligados, pelo que a união de todas as forças anti-salazaristas de quem não está disposto a concedê-las.

Por isso o Partido Comunista Português renova, mais uma vez, as suas propostas aos dirigentes dos partidos de trabalho no sentido de fazermos um esforço que nos permita entender-nos e irmos para um pacto de unidade de acção eleitoral, em volta de um programa mínimo, que permita apresentar candidaturas a deputados. O Partido Comunista Português não se para de lutar, para permitir a todos os anti-salazaristas apresentarem essas candidaturas e que de confiança ao nosso povo nos possibilitem a vitória.

Este é, não tenhamos disso qualquer dúvida, o único caminho que poderá conduzir as forças da Opção a novas e decisivas vitórias.

com este número é publicado

uma separata com rubricas,